

## Haddad se compromete com revogação de emenda que congela investimentos públicos

A Condsef/Fenadsef, que representa a maioria dos servidores federais do Executivo em todo Brasil, enviou em agosto uma carta de intenções para o setor público a todos os candidatos a Presidência da República. Dos treze, três não foram encontrados nos endereços registrados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Confira aqui o conteúdo e protocolo da entrega e recebimento da carta aos candidatos.

A cinco dias da votação para primeiro turno, a Confederação recebeu resposta do candidato Fernando Haddad, da chapa anteriormente registrada no nome de Lula. Até agora, Haddad foi o único candidato a responder. Na carta, que você confere aqui, ele se compromete com a revogação da Emenda Constitucional (EC) 95/16, conhe-

cida como emenda do teto dos gastos, que na prática congela investimentos públicos por 20 anos. Entidades que representam o conjunto dos servidores públicos reunidas no Fonasefe estão em grande campanha pela revogação da EC 95/16.

Além disso, Haddad ainda destaca compromisso com a revogação da reforma trabalhista e com a promoção de uma reforma tributária. O candidato reafirmou ainda o compromisso com a profissionalização e valorização do serviço público com adoção de política de recursos humanos voltada para o setor. Foram destacados compromissos com critérios que considerem etapas de seleção, capacitação, alocação, remuneração, progressão e aposentadoria. O candidato conclui a carta destacan-

do a importância de “conter a privatização e precarização no serviço público, expressar pela terceirização irrestrita”.

Na carta aos presidentiáveis, a Condsef/Fenadsef buscou dos candidatos pontos de seus programas que dialoguem com o setor público, para que os servidores possam ter condições de definir e avaliar os projetos que não só respondam as principais expectativas da categoria, mas também aponte solução para as necessidades mais urgentes do setor público. Aos presidentiáveis foram apresentados ainda eixos norteadores de propostas e reivindicações prioritárias da maioria dos servidores federais. A Confederação segue aguardando retorno dos demais candidatos.

Fonte: Condsef

## "País 'vai parar' se governo insistir em mexer na Previdência", dizem centrais

A CUT e demais centrais sindicais brasileiras divulgaram nota criticando a possível intenção do governo de retomar a tramitação do projeto de "reforma" da Previdência. Reunidas nesta terça-feira (2), em São Paulo, as entidades reafirmaram "sua posição contrária a qualquer proposta de reforma que fragilize, desmonte ou reduza" o papel da Previdência Social.

Os dirigentes lembram da greve geral de abril de 2017, em defesa de direitos. "Se o governo insistir em atacar a Previdência

Social Pública, o Brasil irá parar mais uma vez", dizem as centrais.

Na semana passada, Michel Temer considerou a possibilidade de interromper a intervenção no Rio de Janeiro e recomeçar a discussão sobre a Previdência, que teve forte rejeição. "Não aceitaremos que a classe trabalhadora pague mais outra vez a conta. Não aceitaremos o desmonte e a entrega da Previdência Social para o sistema financeiro."

Confira a nota na íntegra em [www.cut.org.br/noticias](http://www.cut.org.br/noticias)

### Sindsep/MA convoca servidores da ex-Roquette Pinto

O Sindsep/MA através da Secretaria de Assuntos Jurídicos e Institucionais, convoca os seguintes servidores da ex-Roquette Pinto para comparecerem à sede do sindicato, no intuito de tratarem assuntos sobre processos ajuizados.

Maria dos Anjos Ferreira Borges  
Maria dos Remédio Sousa Lima  
Maria Dulce Pereira Borges  
Maria Elisabete Sousa Silva Correia  
Maria Ferreira Lindoso Alves  
Maria Francisca da Silva Barroso  
Maria Francisca Lauandê Fonseca  
Maria Gerinalda Ribeiro Rodrigues  
Maria Helena Cardoso  
Maria Helena Jesus Ribeiro  
Maria Helena Moreira Carvalho

**EM DEFESA DA APOSENTADORIA PÚBLICA**

*Se botar pra votar, o Brasil vai parar!*



## Esquema Globo-Ibope-Moro-Palocci fecha o cerco ao PT: começou a guerra

POR Ricardo Kotscho (Jornalista)

Para mim e os leitores que me acompanham neste modesto Balaio, alguns há mais de 10 anos, nada do que aconteceu nesta noite de segunda-feira foi surpresa.

Escrevi logo cedo sobre o cenário político na fase decisiva do primeiro turno, baseado em conversas no final de semana:

“Nas atuais condições de tempo em temperatura, tudo ainda pode acontecer, se Fernando Haddad continuar subindo nas pesquisas e a sua vitória se tornar inevitável pelas atuais regras do jogo.

Afinal, não foi para devolver o poder ao PT que eles fizeram a Operação Lava Jato, deram o golpe e prenderam o Lula”.

À tarde, escrevi outra coluna com este título:

“Haddad, mire-se no exemplo de Lula em 1989: a última semana é guerra”.

As duas entidades e os dois personagens citados no título acima não estão reunidos ali por acaso.

Diante do fracasso das candidaturas reformistas de “centro”, o Grupo Globo resolveu apoiar, na falta de outra opção mais confiável, o capitão reformado Jair Bolsonaro, único candidato com chances de derrotar o PT, o inimigo a ser abatido.

Com Haddad crescendo sem parar e Bolsonaro estacionado ou começando a cair, era preciso agir rápido.

No sábado, a cobertura torta e manipulada das magníficas manifestações da mulherada do #EleNão pelo Brasil inteiro, as maiores desde as Diretas Já, dando a elas o mesmo destaque das carreatas pró-Bolsonaro, foi a primeira indicação de que agora o jogo agora era para valer.

Variadas matérias sobre Bolsonaro, incluindo uma entrevista exclusiva no avião que o levou ao Rio, e o depoimento da ex-mulher negando todas as acusações que havia feito contra ele, publicadas pela revista Veja, ocuparam a maior parte do tempo do Jornal Nacional.

Na segunda-feira, estava prevista a divulgação de uma nova pesquisa do Ibope.

Fontes bem informadas já me asseguravam que Bolsonaro iria subir na pesquisa e poderia até ganhar no primeiro turno.

Achei que era chute, basófia de torcedor, mas me enganei.

No final da tarde, antes do Jornal Nacional, a Globo News já deitou e rolou em cima de uma “delação premiada” do ex-ministro Antonio Palocci, feita em abril à Polícia Federal, e liberada pelo juiz Sérgio Moro só agora, a seis dias da eleição, depois de ser rejeitada pelo Ministério Público Federal por falta de provas.

As acusações de Palocci contra Lula, Dilma e o PT foram dadas como fato consumado, transitado em julgado.

Tudo seguiu o script: o JN abriu com o crescimento de 4 pontos de Bolsonaro no Ibope, chegando a 31%, e Haddad estacionado em 21%, vendo sua rejeição disparar para 38% em poucos dias, a apenas 6 pontos abaixo de Bolsonaro.

Para o segundo turno, em que Haddad levava ampla vantagem, foi apontado o empate em 42%.

Como é que o capitão conseguiu subir tanto no período em que choveram denúncias contra ele e boa parte do Brasil foi às ruas protestar contra a sua candidatura?

Os números podem ser todos verdadeiros, baseados em métodos científicos, mas é difícil de entender.

A seguir, logo depois dos comerciais, como se já estivesse tudo planejado desde cedo, entrou o bombardeio contra o PT embrulhado no pacote entregue por Moro com a delação de Palocci, que William Bonner apresentou como a bala de prata tão aguardada.

Ali nada acontece de graça, e só têm o direito de surpreender os mais jovens que não viveram a campanha presidencial de 1989, na primeira eleição direta para presidente depois do golpe de 1964.

Naquela eleição, eu era assessor de imprensa de Lula e quando vi entrar na sala em que se acertariam as regras para o segundo debate, um assessor de Fernando Collor, conversando alegremente com Alberico Souza Cruz, diretor de jornalismo da Globo, pensei comigo: estamos perdidos.

Por acaso, como me disseram, os dois pegaram o mesmo avião do Rio para São Paulo.

As baixarias de Collor na véspera, envolvendo a família de Lula, as denúncias acusando o PT como autor do sequestro do empresário Abílio Diniz (ainda não se falava em fake news) e a indecente edição do debate decisivo para favorecer Collor no Jornal Nacional tudo me voltou à lembrança nesta reta final da campanha de 2018 (ver dois posts anteriores).

É justo reconhecer: eles são profissionais e não brincam em serviço.

Mas não podiam esperar que Lula, mesmo preso numa solitária em Curitiba, há quase seis meses, transformasse Fernando Haddad no candidato favorito, em apenas duas semanas, como apontavam as pesquisas anteriores.

Era preciso virar este jogo que parecia perdido. E são tantos os interesses daqui e de fora que estão em jogo nesse momento que os eleitores nem podem imaginar.

Mesmo quebrado, humilhado e vilipendiado, o Brasil ainda é um país muito importante na geopolítica mundial.

“Fortes emoções ainda nos aguardam”, escrevi pela manhã, mas não podia imaginar que fossem tantas, e tão rápidas.

São emoções e informações demais para um velho repórter, que trabalha sozinho em casa, e só tem um celular e um computador à mão, para tentar entender e explicar o que está em jogo neste momento.

Já são 11 da noite, e amanhã tem mais.